

Retirantes do cerrado

Dante Accioly
Da equipe do **Correio**

Os invasores de terra não querem sair do Distrito Federal. O Sistema Integrado de Vigilância do Solo (Siv-Solo) divulgou esta semana o balanço das atividades realizadas no ano passado. Os números mostram que em cada dez famílias removidas de terras públicas no DF, apenas uma é transferida para outro estado do país. As outras nove ficam por aqui e costumam migrar para novas invasões.

Das 1.495 famílias removidas em 2001, apenas 143 (9,5%) saíram do DF após a ação do Siv-Solo. Outras 1.352 continuam nos arredores de Brasília. É o caso da pernambucana Iraci Quitéria, de 49 anos. A família dela estava entre as 1.500 que ocuparam a Praça do Trabalhador de Ceilândia, em fevereiro de 2001. Cerca de 4.500 mil pessoas lideradas pelo servidor público Elton Barbosa acamparam na praça e durante quatro meses cobraram lotes do governador Joaquim Roriz.

O grupo de Elton Barbosa foi convencido a sair de lá em junho e ocupou uma área destinada ao Pró-DF, no Setor de Indústrias de Ceilândia. Em outubro, eles já estavam acampados em outra fatia de terra pública: os jardins da Câmara Legislativa. Retirados pelo Siv-Solo em janeiro, eles migraram para a Estrada Parque Indústria e Abastecimento (Epia) e voltaram às barbas do Poder Legislativo há duas semanas.

Iraci Quitéria diz que só deixa de invadir quando conquistar o tão sonhado lote. “O governador promete, e a gente se acha no direito. O Siv-Solo muda o povo daqui e joga num buraco. Mas no outro dia a gente volta. Tirar gente pobre da terra é falta de humanidade.”

Em 2000, a proporção entre os invasores que ficaram e os que saíram do DF foi menos gritante. Das 758 famílias removidas, 506 (66,8%) continuaram por aqui —

contra as 252 (33,2%) que preferiram partir para outro lugar do país.

O pesquisador Aldo Paviani, professor do Departamento de Geografia da Universidade de Brasília (UnB), explica que a migração de invasores dentro do DF existe desde a década de 70. “Há uma verdadeira máquina de expulsão, uma onda de empurrão que leva essas pessoas para lugares cada vez mais distantes. Mas elas acabam voltando, porque não há perspectiva de emprego nos locais para onde elas são levadas.”

Em 2000, o Siv-Solo removeu 8.583 barracos erguidos em terras públicas. No ano passado, o número quase dobrou: foram 15.197 casebres demolidos. Para o gerente de Operações do Siv-Solo, major Esmeraldo de Oliveira, a rotatividade entre invasões é a principal explicação para o fenômeno. “Não é que o número de invasores tenha aumentado. Com o aperto da fiscalização em um ponto, o grupo migra para outra área e constrói novos barracos.”

CASAS DEMOLIDAS

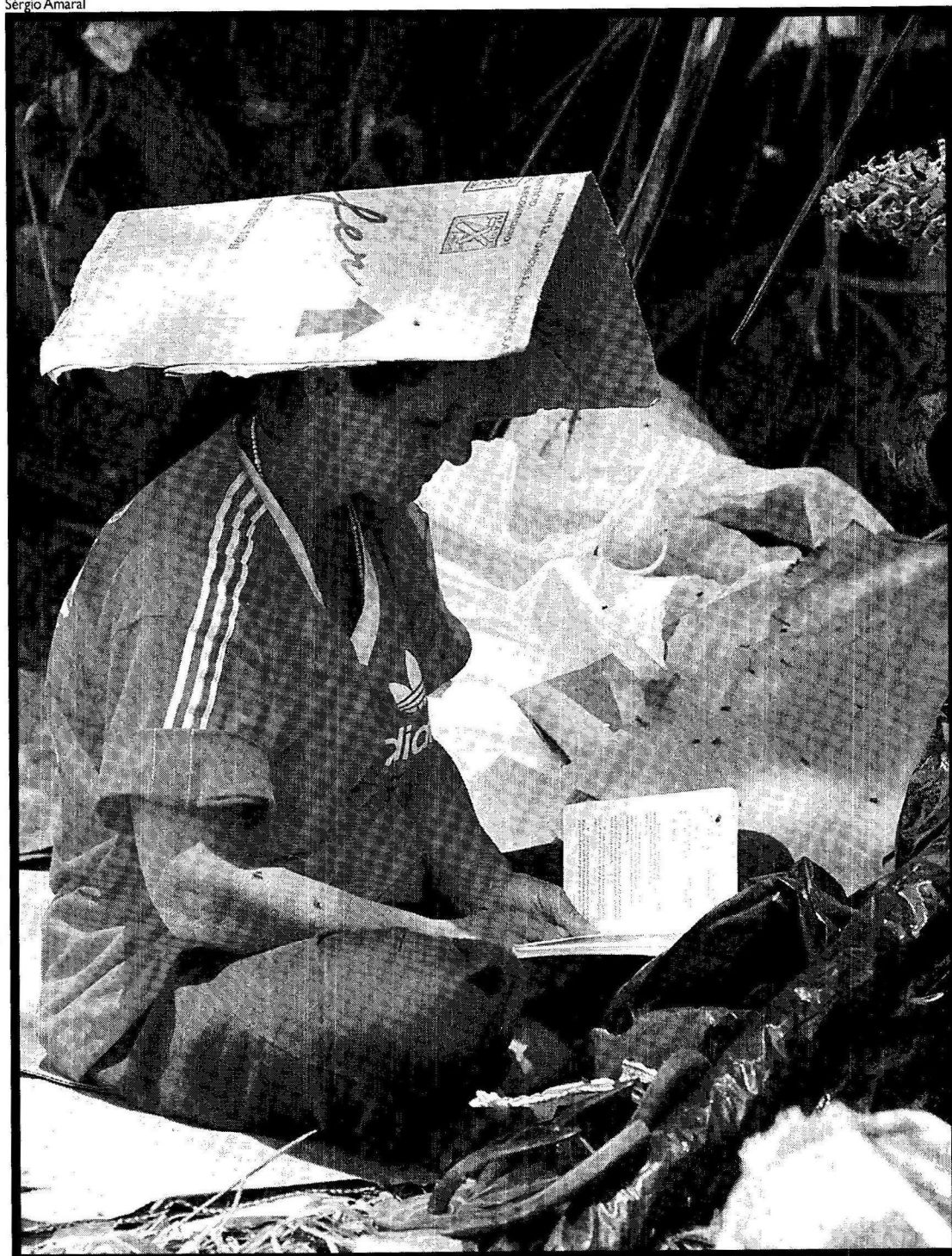
Outro dado reforça o caráter nômade dos invasores que atuam no DF. Em 2001, apenas 54 pessoas procuraram o auxílio do Centro de Albergamento Conviver (Ceacon), antigo Centro de Apoio Social (CAS). O serviço é destinado a pessoas que não têm onde ficar após a desocupação de áreas públicas.

No ano anterior, só 16 pessoas procuraram o CAS. “O pessoal não quer assistência social. Eles preferem ficar na casa de algum parente por alguns dias e se arriscar em novas invasões à procura de um lote”, explica o chefe do Núcleo de Planejamento de Operações do Siv-Solo, capitão João Batista Maia.

O baiano Luis Flávio Vargas da Silva, de 25 anos, é um dos que se recusam a procurar abrigo no Ceacon. “Não sou mendigo. Sou cidadão e tenho direito a lutar pela terra.” Há seis meses, ele vive no acampamento em frente à Câmara Legislativa, enquanto a mulher, grávida de seis meses, mora na casa que os dois mantêm alugada em Ceilândia.

Mas nem só de construir barracos vivem os invasores. O número de casas de alvenaria demolidas pelo Siv-Solo também subiu nos últimos dois anos. Foram 162 casas retiradas em 2001 contra as 127 de 2000 — um aumento de 27%. Em janeiro deste ano, o Siv-Solo removeu outros 795 barracos e 52 casas.

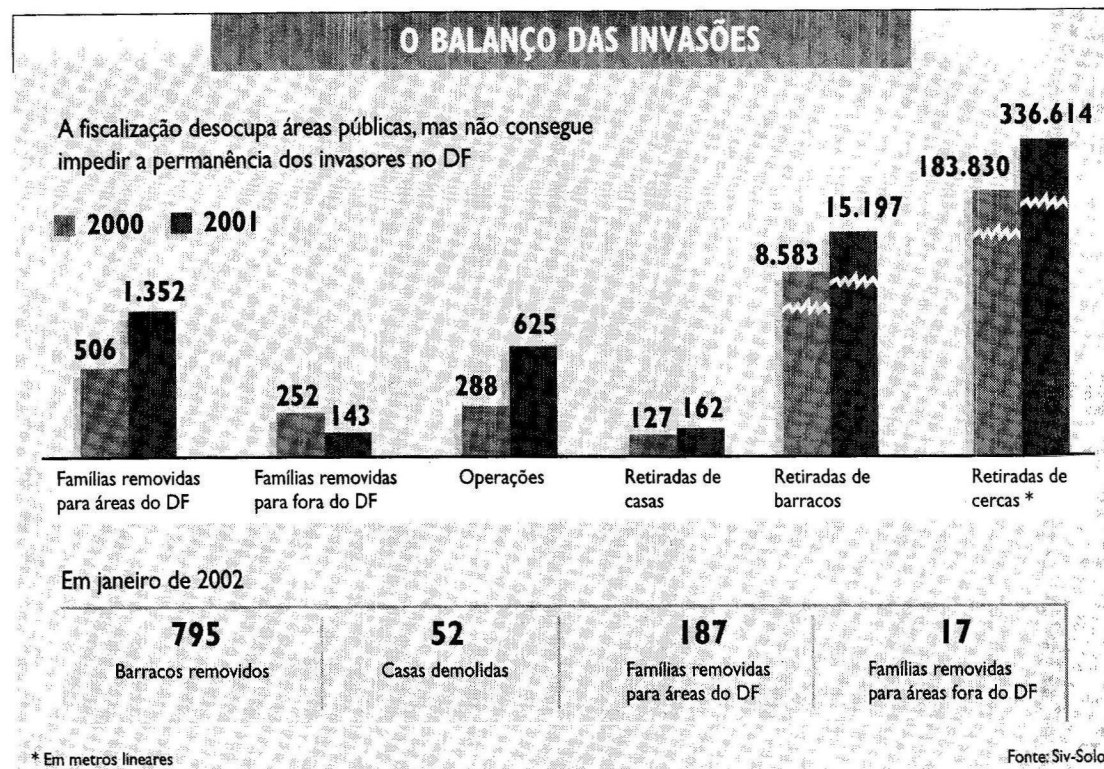
Sérgio Amaral



IRACI QUITÉRIA DIZ QUE SÓ PARA DE INVADIR QUANDO GANHAR O LOTE. POUCOS ACEITAM A ASSISTÊNCIA SOCIAL

JUSTIÇA INTERVÉM

Na quinta-feira, o Siv-Solo demoliu 30 casas de alvenaria e 46 barracos de madeira erguidos irregularmente no Setor de Chácaras P Norte, em Ceilândia. A operação de derrubada cumpriu uma decisão do juiz da 3ª Vara da Fazenda Pública, Waldir Leôncio Júnior. A chácara Veredas, como a área é conhecida, pertencia à extinta Fundação Zoobotânica. O terreno de 150 hectares foi fracionado em lotes de 400m², vendidos por R\$ 7 mil. Outras 35 casas de alvenaria que já estavam habitadas foram poupadas pela fiscalização. O Siv-Solo ainda não estipulou um prazo para que as famílias desocupem os imóveis.



TRABALHO SEM FIM

PERSISTÊNCIA

15.197
BARRACOS

foram demolidos em áreas públicas pelo Siv-Solo, em 2001, quase o dobro das 8.583 remoções realizadas em 2000

Nehil Hamilton



UMA PÁ CONTRA OS TRATORES

O operador de máquinas Claudécir de Souza Breguêdo, de 35 anos, foi um dos que teve a casa demolida pelos fiscais do Siv-Solo na última quinta-feira. Ele pagou R\$ 5 mil por um dos lotes da propriedade Veredas — no Setor de Chácaras P Sul, em Ceilândia. Viúvo, Claudécir iria morar lá com os filhos Felipe, Thiago e Tatiane. Quando os homens do Siv-Solo chegaram à invasão, o operador tentou enfrentar o trator usado para demolir as casas: pegou uma singela pá e correu atrás da máquina robusta (foto). Em vão. Claudécir foi contido por policiais militares e viu os R\$ 5 mil investidos na obra virar poeira e entulho. “O que fica é o desespero de voltar para dentro do barraco com meus três filhos. Vou voltar a morar de aluguel.”

VIDA IMPROVISADA

33 VEZES

foi quanto aumentou o número de barracos na nova invasão em Santa Maria, segundo a Administração Regional. Em 40 dias, eles multiplicaram de 3 para 100.

Sérgio Amaral



PIAUIENSE NÃO QUER VOLTAR

Valdecir Tandial Ferreira, 62 anos (na foto, à direita), é uma das nômades do DF. Ela está entre as 400 pessoas que foram retiradas dos jardins da Câmara Legislativa em janeiro deste ano. Valdecir garante que não deixa a invasão antes de garantir um lote. Ela reclama do tratamento destinado pelo governador Joaquim Roriz aos colegas de acampamento. “Invasão de rico vira condomínio. Invasão de pobre vira caso de polícia”. Piauiense, Valdecir nem pensa em voltar para o Nordeste. Já está enraizada no DF: são dez filhos e 30 netos brasilienses. “Vim da minha terra porque estava morrendo de fome por lá. Vou voltar para fazer o quê?”